

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHTECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 6

ARCHEOLOGIA HISTÓRICA
E
PREHISTÓRICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Protesto da Sociedade de Geographia de Lisboa	Pag. 81
SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Arte monumental dos povos da antiguidade, pelo sr. J. P. N. DA SILVA	» 84
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Resumo elementar de Archeologia Christã (continuação) pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA	» 89
Congressos Internacionaes na Exposição Universal de Paris, 1889	» 93
Explicação da estampa n.º 87, pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA	» 95
Chronica	» 96
Noticiario	» 96

Recebemos o patriotico protesto, em seguida transcripto, e com a maxima satisfação o publicamos em merecido testemunho da nossa consideração e applauso :

PROTESTO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

A todas as Academias, Sociedades, Institutos e jornaes das suas relações

Ha poucos dias, apenas, teve a Sociedade de Geographia de Lisboa a honra de communicar ás Sociedades congeneres a expressão sincera do seu voto relativamente ao conflicto diplomatico suscitado entre Portugal e a Inglaterra.

Por dever e honra da generosa solidariedade que a ellas nos liga nas mesmas aspirações e nas mesmas diligencias humanitarias e civilisadoras, depunhamos perante essas nossas illustres irmãs scientificas, como nós empenhadas na santa causa da paz, da civilisação e da exploração scientifica da Africa, a nossa esperança e o nosso desejo leal de que essa causa não fosse mais uma vez perturbada por pretensões e cubiças tão formalmente offensivas da acção e da soberania legitima do nosso paiz, como evidentemente contrarias á Verdade, á Rasão e ao Direito.

E a nossa manifestação era tanto mais opportuna quanto é certo que taes pretensões, para trahir a justiça dos povos, de longa data, tenazmente procuram falsear a Geographia e a Historia, — e para favorecer e disfarçar as más paixões e os cupidos interesses de aventura e de seita, teem organizado uma conspiração de capciosa propaganda e de influencias brutalmente egoistas destinada a mystificar a opinião e a intrigar os governos contra o honrado povo que foi o primeiro a abrir o Continente Negro á Civilisação e á Sciencia.

Perseguida e extinta a escravatura na costa portugueza da Africa Occidental, os interesses que o trafico infame alimentava procuraram e por largo tempo conseguiram obstar, sob a protecção da politica ingleza, a que a nossa acção civilisadora e o nosso direito soberano lhes arrancasse o ultimo reducto, por uma occupação regular e definitiva dos nossos territorios do Zaire inferior.

Foi exactamente o apresamento, pela auctoridade portugueza, de um navio negreiro na foz d'aquelle

rio que suggeriu a formal opposição do governo inglez, já então indignamente mystificado, á nossa occupação d'aquelles territorios!

Assim e agora, tambem, os interesses da licenciosa e oppressiva exploração dos indigenas, as pretensões de especulação e de monopolio commercial, o espirito fanatico de seita, as absorventes ambições e ciumes de predominio e de expansão politica, agitaram-se ferozmente contra o leal e persistente empenho de Portugal em organizar e firmar a ordem, a segurança, a transformação pacifica e civilisadora nos nossos territorios mais remotos da Africa Oriental: — no Zambeze, no Nhassa (Nyassa) e na Mashona.

Alguns mercadores e missionarios inglezes, estabelecidos sob a nossa protecção e favor, n'alguns pontos insignificantes e esparsos d'esses territorios, onde nenhuma transformação benefica teem operado, ensaiaram converter o facto d'esse precario e particular estabelecimento em ostensivo direito de protectorado e de dominio da nação de que se dizem subditos para evitar a policia culta da soberania de que são hospedes, que lhes tem sido generosissima protectora, e que era e é a unica que se póde exercer e se tem exercido effectiva e pacificamente n'aquellas regiões.

A diplomacia britannica acabou por adoptar estas pretensões abusivas, primeiramente procurando obter a nossa annuencia e concessão voluntaria a troco da retirada das suas formaes objecções á posse e á occupação portugueza dos territorios do Zaire, — o que evidentemente equivalia a reconhecer o nosso direito aos que lhe cederiamos e que agora nos disputa!

Mallogrado, porém, pela opposição da Europa, em relação ao Zaire, o tratado em que esta operação se negociára, e passados poucos annos, apenas, depois da Conferencia de Berlim, a Inglaterra intima-nos, não já o desejo e o interesse que a levaram a negociar esse tratado, mas a formal pretensão de um direito sobre os territorios cuja cedencia nos pedira e procurára obter a troco de largas compensações!

Além do mallogro d'esse tratado pelo qual a politica ingleza contava estabelecer-se nas margens do Nyassa, outros factos concorreram, naturalmente, para exacerbar e fazer recrudescer as pretensões e cubiças britannicas, taes como:

a concorrência incommoda que a Inglaterra teve de aceitar, de outras potencias, ao norte, do lado do Zanzibar e do mar Vermelho;

o reconhecimento de que os nossos territorios entre o Zambeze e o Limpopo, e particularmente a Mashona, abrangiam uma das zonas mais ricas, em minas de ouro, da Africa Austral;

o nosso esforço decisivo por assegurar o desenvolvimento economico e politico da nossa colonia de Lourenço Marques, que as colonias inglezas do sul receiam, e que contraria a absorpção dos estados independentes da Africa Austral;

e, em summa, o vigoroso impulso que procuravamos imprimir ao desenvolvimento dos povos e territorios do nosso vasto dominio africano.

Precisamente attingiu a maior intensidade essa exacerbação de cubiça, quando as nossas expedições scientificas, commandadas por officiaes e engenheiros distinctos, calorosamente acolhidas pelos indigenas, estudavam e preparavam assegurar melhor esses territorios, — pelo caminho de ferro, pelo telegrapho, por uma policia civilisadora e christã, — á mais larga e liberal exploração e proveito do commercio licito e da colonisação europêa.

Explosiu então o mercantilismo do Monopolio, o fanatismo de Seita, o insolente orgulho do Predominio politico, essa triste e oppressiva trindade que pretende dominar a Africa interior pelo azorrague de sete pontas, de que não ha muito se fallou largamente no parlamento inglez, a proposito das missões do Nyassa, ou pelas cadeias e pelos foguetes de guerra, que ha pouco ainda tentavam introduzir pelas nossas alfandegas de Inhambane e de Quelimane os pseudo-philantropos, ou pelas armas aperfeiçoadas entregues ao barbaro Lubengula para escravisar os povos da Mashona e lhes roubar as minas de ouro com que devia pagar-as aos inglezes que lhe forneceram essas armas.

Ao passo que alguns aventureiros e agentes britannicos açulavam contra as nossas expedições scientificas um *regulo* embrutecido e usurpador, a politica ingleza, — a politica de uma nobre nação europêa — intimava-nos imperiosamente, como um direito que não se fundamentava, aquellas pretensões e cubiças.

Esta é, em breves traços, a verdade da situação, larga e irrecusavelmente evidenciada por todos os documentos dignos de fé que temos exhibido e continuaremos a offerecer ao criterio imparcial do Mundo e da Historia.

Sinceramente, com uma justa deferencia para com uma nação culta e amiga, — no constante empenho de cooperar para que a paz e a civilisação da Africa não fossem perturbadas, — Portugal, certo

do seu direito e confiado na dignidade e na justiça d'essa nação, prestou-se a discutir com o governo actual d'ella, as pretensões que elle infelizmente adoptára e a convencer-o da absoluta inconsistencia e sem-rasão d'essas pretensões.

Quer exhibindo perante o governo britannico os numerosos titulos do nosso direito e os leaes propósitos da nossa acção, — quer chamando, n'um sincero accordo, um terceiro Estado a considerar e julgar imparcialmente o extraordinario pleito, — quer acceitando a mediação e o exame d'uma conferencia de todas as nações interessadas na paz e na civilisação da Africa, — Portugal offerecia á Inglaterra todos os meios justos, seguros, decorosos de liquidar com ella, leal e definitivamente, a questão.

Não duvidamos do nosso direito e não receiavamos da justiça das nações e da consciencia universal.

O incidente, a que já alludimos, — o assalto de uma nossa expedição scientifica, — em territorio que nunca nos fôra contestado pela propria Inglaterra, — por uma horda de selvagens que ousavam arvorar a bandeira ingleza, e que se sabe já que haviam sido excitados áquelle acto por agentes inglezes, — suscitou ao governo britannico reclamações e exigencias novas, sem que o movesse comtudo a fundamental, por uma vez, os direitos que vaga e imperiosamente allegava.

Essas reclamações e exigencias facilmente se evidenciavam infundadas, absurdas, até, baseadas apenas em falsas e suspeitas informações.

Mas ainda Portugal se prestou a fazer suspender a sua acção e o trabalho das suas expedições scientificas nos territorios contestados, exigindo apenas a natural reciprocidade de ser respeitado o *statu quo* pelos agentes inglezes, para se entrar definitivamente na liquidação diplomatica e pacifica da questão.

Sabe já a Europa, sabe já o mundo culto, qual foi o procedimento do governo britannico.

Agglomerando grandes forças navaes nas proximidades d'alguns dos nossos portos europeus e africanos, ameaçando-nos pela sua imprensa mais politicamente auctorizada, entre os mais estúpidos e desprezíveis insultos, de praticar um acto de força expoliadora sobre os nossos territorios, a Inglaterra interrompeu uma correspondencia serena e amiga, violou as normas tradicionaes da cortezia e da lealdade internacional, e antepoz arrogantemente, provocadoramente, ao direito que não podia provar e que não tinha, a força material, a superioridade bruta dos seus engenhos e meios de guerra offensiva, de oppressão e de coacção violenta.

Exigiu do governo portuguez que dentro de quatro horas, apenas, resolvesse e ordenasse a retirada das nossas forças e expedições scientificas, dos territorios do Nyassa e da Mashona, em que além de representarem o nosso direito, representavam a Sciencia, a Civilisação, a Ordem, em face da selvageria excitada, do escravismo armado, da cubiça flibusteira.

A não annuencia a semelhante exigencia, seria seguida d'um procedimento que evidentemente equivalia a um rompimento de hostilidades, mais propriamente a um assalto immediato, cobarde, traiçoeiro, do territorios, fortunas e vidas portuguezas.

E passava-se isto, e praticava-se isto a alguns dias de distancia da reabertura da conferencia de Bruxellas, onde as nações da Europa, associadas n'um grande e generoso empenho de paz, de liberdade, e de civilisação, estudam os meios de as garantir á Africa!

É contra este facto insolito que affronta a nossa independencia secular e reconhecida por todas as nações, a nossa leal e constante cooperação nos progressos do Direito moderno, os nossos sentimentos de homens livres e civilizados, de estudiosos e trabalhadores honrados, — é contra este facto monstruoso pelo qual uma grande nação europêa, ao terminar o seculo xix, se mostra disposta a retomar o papel da velha pirataria argelina ou dos bucaneiros das Antilhas, — é contra esta coacção brutal e indigna — que a Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa, em nome d'esta, vem depôr no seio das suas irmãs scientificas, o mais solemne e formal protesto perante a Sciencia, perante a Consciencia Universal, perante a solidariedade da civilisação moderna.

Lisboa, 13 de janeiro de 1890.

Presidente. — Francisco Maria da Cunha.

Presidente do Conselho Central. — Antonio do Nascimento Pereira Sampaio.

Vice-Presidentes — Frederico Augusto Oom, J. V. Mendes Guerreiro, Joaquim José Machado, Fernando d'Almeida Pedroso.

Secretario-Perpetuo — Luciano Cordeiro.

Secretario-Annual — J. F. Palermo da Fonseca Faria.

Secretarios-Adjuntos — Ernesto de Vasconcellos, Domingos Tasso de Figueiredo.

Thesoureiro. — Francisco dos Santos.

Vogaes — Rodrigo Affonso Pequito, José Bento Ferreira d'Almeida, José Estevão de Moraes Sarmento, João Pedro Patrone Junior, João Henrique Ulrich.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARTE MONUMENTAL DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 5 pag. 75)

Emquanto aos jardins suspensos, a tradição diz : que um rei da Syria fizera construir os celebres jardins d'esta cidade pela paixão que tinha por sua mulher que constantemente se lamentava de ser obrigada a viver rodeada por uma planicie arida e escavada, recordando-se com viva saudade das bellas sombras e dos odoriferos jardins do seu paiz natal. Vamos descrever esses jardins reputados uma das maravilhas do mundo. Estes monumentos eram quadrados e tinham 120^m de comprido sobre cada lado, compondo-se de terraços sobrepostos e reintrantes, cuja reunião lhe dava a forma de uma pyramide truncada. Estes terraços eram em numero de 12 ; o ultimo estava a 24^m,62 de elevação. Sobre cada terraço havia uma galeria, cujo tecto era formado de grandes pedras, 5^m,28 de comprimento por 1^m,32 de largo, cortadas e assentes como se fossem vigas. Sobre este tecto pozeram 4 camadas compostas differentemente ; era a primeira uma camada de canhão envolvido em asphalto ; depois duas fiadas de tijollos embebidos em gesso ; e por cima laminas de chumbo, sendo a ultima camada de terra vegetal. O tecto da galeria era sustentado por grossos pilares quadrados, oucos e cheios de terra, para n'elles profundarem as raizes das arvores mais corpulentas.

Por escadas collocadas externamente subia-se a estes differentes andares, e sobre os patamares, havia machinas hydraulicas movidas [a] braços, para tirar agua do Eufrates e eleva-la até á parte superior do edificio : crearam-se arvores corpulentas com 24 metros de altura, as quaes produziam fructos como na sua propria região. Estes jardins estavam ainda em toda a sua magestosa apparencia, no tempo de Alexandre o Grande, parecendo aos seus soldados como se fosse uma montanha coroada por uma viçosa floresta. Vegeta ainda uma unica arvore d'esse época, especie exotica de Babylonia ; pela sua situação, no aspecto e caducidade, julga-se ser uma que pertencia aos jardins suspensos de Semiramis, tendo no paiz o nome de *Atheti*.

Os Babylonios, como o maior numero dos povos asiaticos, representavam as figuras dos deuses e dos heroes em proporções colossaes, e com materias preciosas ; idolos de ouro, prata, ferro, pedra e madeira cobertas de folhas de ouro e de prata ; adoptavam á boca d'estes idolos linguas moveiças, que os sacerdotes faziam mover por modos occultos ; punham-lhes corôas sobre a cabeça,

um sceptro na mão, vestiam-os com roupas de custo e ornavam-os de objectos que os padres tiravam depois para enfeitarem com elles as suas mulheres e filhas : assim como o povo depositava sobre uma meza junto ao templo de Bellus os manjares que suppunha servirem de alimento á sua divindade, mas todos os dias elles desappareciam, sendo tirados pelos padres que para esse fim se serviram de uma passagem occulta e só d'elles conhecida.

O que existe da architectura babylonia não basta para nos dar o caracter da sua arte monumental ; só existem os alicerces e a obra rustica de seus monumentos ; os ornatos e detalhes architectonicos perderam-se.

Felizmente Ninive vae-se desenterrando ; seus fragmentos e baixos relevos nos auxiliam para sabermos restaurar com bastante fidelidade esses edificios babylonios.

PALESTINA

Para o philosopho e para o historiador que procura descobrir a verdade nos annaes do genero humano e dos tempos os mais remotos, o povo Hebreu, é de todos os povos da antiguidade aquelle em que a arte monumental offerece menor interesse.

A sua estada no Egypto, onde as artes tinham chegado a um grande auge, não lhe serviu de nenhum proveito, não poderam fazer senão grosseiras imitações das artes dos Assyrios e principalmente das dos seus mais proximos visinhos, os Phenicios ; porém todas essas copias eram imperfeitas e sem manifestação artistica, principalmente nos detalhes, nos ornatos e nas alfaias do templo nacional. Não foi por que este povo não tivesse nenhuma aptidão natural, pois consta pelos annaes judaicos até que ponto chegava a sua intelligencia, não pôde construir o seu templo tão afamado ; por ahi se avalia a insufficiencia ou a pouca delicadeza do seu gosto e o quanto era limitado o seu talento architectonico.

Os monumentos de architectura levantados na Judéa são em pequeno numero. Ainda que ha alguns outros, mas esses monumentos são ainda menos nacionaes que o templo e os palacios que Salomão mandadou edificar por obreiros estrangeiros.

O rei David havia já formado o projecto de edificar em Jerusalem a capital do seu reino, depois de se ter apoderado da cidade e expulsado os *Jebuseanos*, povo que deu o nome a esta cidade que significa — Cidade Sagrada, fazendo um templo de cantaria, digno do poder e magestade do seu deus

Jehovah, porém estava reservado a seu filho Salomão realizar aquelle desejo. No 4.º anno do reinado d'este rei, no anno 3102 da criação do mundo, e 480 annos depois da saída do Egypto, ou 1042, no segundo mez de Siv, ou no mez de Maio, este templo foi principiado; empregando-se 7 annos para o construir com uns 10 mil operarios e 350 intendentes.

O templo de Jerusalem estava collocado sobre a montanha *Marih*, encerrado dentro de dois recintos formando pateos: o pateo interior era destinado para os padres, e o que circumdava o templo era para os sacerdotes, que faziam as orações, cantavam os hymnos sagrados e consummavam os sacrificios; o pateo exterior era destinado para receber o povo de Israel e os gentios.

O Templo de Salomão, situado na parte Occidental de Jerusalem, e cuja fachada estava voltada para o Oriente, tinha interiormente 33^m,40 de comprimento, 11^m,08 de largura e 16^m,62 de altura. No fundo do Templo, ao Poente ficava para o lado de Sião, onde estava situado o logar sagrado; tinha o edificio a forma de um cubo, 11^m,08 por todos os lados. Para o Nascente ficava o Santuario, antecâmara da habitação Sagrada e Divina, a qual tinha 22^m,16 de comprimento a mesma largura do logar sagrado com a mesma altura do Templo. Na frente d'este Templo a Leste, via-se um *pylono* ou *pronáos* construido á maneira de *propyleos*, tendo a mesma largura do Templo. Para bem comprehendermos o feitto d'este grande vestibulo, devemos lembrar-nos dos Templos Egypticos, com os quaes os monumentos dos Hebreus têm bastante similhaça.

O Santuario e o Sécos estavam rodeados pelos tres lados ao Sul, Oeste e Norte, por uma especie de corredor com cellas nos tres andares. É esta ainda uma disposição que nós encontramos nos templos Egypticos. A inclinação das paredes das fachadas lateraes, dava mais elegancia á fachada principal, que tinha tambem um caracter da architectura Oriental. Havia em cada andar quartos destinados para a conservação dos archivos, e dos objectos do culto e do thesouro.

O telhado era quasi da forma de terraço em duas aguas, feito de madeira de cedro e coberto com laminas de ouro, sendo guarnecido de um extremo ao outro com compridas pontas de ferro dourado, a fim de impedir que os passaros se pousassem sobre o Templo para o não enchovalhar; e diz Mr. Arago que essas pontas de ferro eram a prova mais manifesta do efficaz effeito dos conductores, pois que o Templo de Salomão ficou intacto mais de 1:000 annos.

Este Templo foi queimado em 588 antes da era vulgar. Em 534 Zorobabel construiu o segundo Tem-

plo, que foi destruido por Herodes, 37 annos antes da era de Christo. No anno 35 este principe reconstruiu o 3.º templo, o qual foi visitado por J. C. e depois destruido por Titus no anno 70.

Havia á entrada do pylono duas columnas, de bronze, separadas, oucas de 8^m,80 de altura, 3^m,52 de diametro, e 4 dedos de grossura, que fazem lembrar os obeliscos collocados junto dos seus grandes portões; a columna que estava á direita se chamava *Jachin*, e a da esquerda, *Booz*. *Jachin* significa, — *Elle consolidará*; e *Booz* quer dizer — *N'elle está a força*. Estas duas columnas representam o symbolo do Poder Creador do Ser primitivo, ao qual o Templo era consagrado, servindo tambem de symbolos e de imagens aos elementos da producção. *Jachin* representa a *linha perpendicular e estavel*, *Booz* a *linha horisontal*, aquillo que dá a força. A união d'estas duas linhas ou d'estas *duas qualidades* produz o angulo recto, o elemento primitivo de toda a criação, o principio fundamental da architectura.

Pela disposição dada ao plano do Templo de Salomão, a sua largura é justamente a metade do seu comprimento total; estas mesmas proporções eram as que tinha o Tabernaculo que serviu de typo a este monumento.

Independente do Templo, Salomão edificou tambem um magnifico palacio situado não longe do monte Libano. Este palacio tinha 55^m de comprimento, 37 de largo, e 16^m de altura, compondo-se de um peristilo, de uma sala hypostilo na qual havia 45 columnas de madeira de cyprestes collocadas em 3 ordens de renques; as paredes eram construidas de cantaria. Depois d'esta sala seguia-se outra igual á primeira, e mais afastados estavam os aposentos do rei.

O palacio de sua mulher, que era a filha de um rei do Egypto, ficava na extremidade do edificio, o qual se assimilhava inteiramente aos palacios edificadas junto ás margens do Nilo.

Se o Templo e o palacio de Salomão se assimilharam-se em quanto ao estylo á architectura egypcia, os serralhos imitavam o dos palacios de Ninive, pois havendo menos distancia da Judea ao Egypto, que a Ninive, a influencia egypcia devia ser mais poderosa que as da Assyria. Os palacios de Ninive eram mais ornados com grande variedade de esculpturas; e nas construcções judiacas era pelo contrario. O grande valor intrinseco dos materiaes precisos empregados nos seus monumentos, e escondiam a esterilidade do seu talento na arte de edificar; pois que os monumentos ainda existentes com os seus frontões, triglifos, pilastras e volutas com portas, datam da decadencia grega e romana, e não se póde classificar como arte monumental da Judéa.

Este grandioso edificio constava das seguintes partes.

O portico do Oriente — chamava-se o portico de Salomão — O portico do Meio-Dia. Portico do rei, aonde estava o throno real. — N'este atrio havia os aposentos dos levitas, dos musicos e dos padres que guardavam o Templo.

Os quartos do 3.º Atrio, eram para as guardas, casinhas para os *rebatedores*, vendedores de pombo, e diversos objectos necessarios aos sacrificios.

Templo — I — Tabernaculo — II — Santuario — III — Vestibulo — IV — quartos.

Atrio para os padres — Dez bacias onde os padres lavavam os intestinos dos animaes imolados — O mar de bronze de fórma de flôr de lyrio com 4^m,84 de dimensão sobre 12 bois d'onde o sacrificador tirava agua para abluções.

Dupla columnada que formava o atrio dos judeus.

Habitações dos padres.

Logar para as mulheres.

Entrada do atrio dos judeus.

Atrio dos gentios.

I — Porta do Oriente — II — Porta do Norte — III — Porta do Meio-Dia.

O altar dos holocaustos tinha 9^m,90 de comprimento por 4^m,59 de altura.

PALMYRA

Passamos agora a descrever as magnificas ruinas d'essa famosa cidade do deserto da Arabia, chamada pelos romanos *Padmer*, por causa das suas bellas palmeiras e cuja fundação se attribue a Salomão. Situada entre a Syria e o Eufrates; esta celebre Palmyra tão eloquentemente descripta por Volney; alcançou notaveis riquezas, pela posição excellente para desenvolver o maior commercio, n'esse paiz rico de industria e preciosidades onde fôra edificada, sendo as ruinas importantes pela sua extensão, e primor d'arte; das quaes os europeus tiveram conhecimento sómente em 1691!

Foi esse deserto que cerca Palmyra, que desde muitos tempos a isolava das suas admiraveis ruinas, e a havia separado dos paizes habitados; foi certamente o que contribuiu para a conservação d'esse numero consideravel de monumentos, que ainda causam hoje a admiração dos entendidos. nenhum outro lugar no mundo os contém em tão grande quantidade, e de elevação tão bella.

Um dos vestigios mais importantes dos edificios de Palmyra, e ao mesmo tempo dos mais instructivos para o conhecimento da sua arte monumental, é o seu grande Templo do Sol, que occupava a superficie de 69:696 metros quadrados. Este recinto era rechado por um *peribolo*, ou parede ornada exteriormente e interiormente de pilastras, as quaes

correspondiam na parte interna a dois renques de columnas; que apresentavam duas galerias á roda d'essa immensa praça, em cujo centro estava situado esse famoso Templo.

Do lado occidental offerecia uma magnifica entrada; 10 columnas corinthias formando um grande portico, sustentavam um magestoso frontão. Notouse que para fazer mais espaçosa a porta da entrada, approximaram as duas columnas do centro das duas que lhe ficavam mais proximas, estando reunidas sobre o mesmo soco. Esta idéa foi aproveitada para a columnada do palacio do Louvre em Paris. Foi pena que não se tivesse feito o mesmo para a porta principal da igreja da Estrella. As folhas dos capitais d'este Templo eram todas de metal. Toda esta architectura era ornada com a maior riqueza. Não pouparam a escultura, applicando-a em todos os membros d'este sumptuoso monumento. E' verdade que, quando a riqueza substitue o lugar da nobre simplicidade na architectura, indica já a época de sua decadencia, pois se tolera o abuso na decoração, e não se reprova a liberdade na alteração do estylo. O caracter da arte monumental da Syria, era ornamentar com excessiva profusão; repetir as ordens mais ricas em todos os seus monumentos e adornal-os interiormente com summa elegancia e magnificencia.

PERSEPOLIS

A antiga e famosa capital do imperio dos Persas, que tinha 12 leguas de comprido e 4 de largo e levou 3 annos a edificar, não havendo outra que fosse n'aquelles tempos nem mais bella, nem mais poderosa no mundo, foi destruida por Alexandre o Grande em 331 antes de J. C.

Entre as ruinas que cobrem a planicie de Mardascht situada a 12 leguas de Schiraz na provincia de Tarsistan muito fertil por ser regada pelo Araxe, apparece uma ainda mais importante e celebre que as outras, chamada de *Pechil-Minar* ou das 40 columnas, pertencentes aos vestigios da cidadella de Persepolis: está collocada em um grande terraço rectangular de desigual altura, e sobre o qual ha 3 outros terraços menores, sendo o principal circumscripto em 3 lados por muralhas: a do norte tem 434^m,32 de largura; a do lado meridional, de leste a oeste, 244^m,44 de extensão; e o lado septentrional com 282^m de comprimento.

Uma grandissima escadaria, ficando os lances oppostos com 104 degraus, dá ingresso ao primeiro terraço; porém estes degraus têm apenas de altura 0,05 estando 10 ou 17 formados em uma só enorme pedra: perto de 21^m sobre a linha central d'esta escadaria se encontram os vestigios dos *propyleos*, pelos quaes se passava para ir aos palacios. Esta grande porta (como a de Ninive), era ornada

de cada lado por dois animaes phantasticos, cujo typo era o touro. Estes grandes symbolos da força e da geração tinham quasi 6^m de comprimento e 5,50 de altura, além de um pedestal de 1,50 de altura. As inscrições que se vêem por cima d'estas esculpturas, dispostas em 3 divisões, com caracteres *cuneiformes*, declaram que estes *propyleos* ou salas dos guardas fôram mandados fazer por Xerxes, que reinara desde o anno 486 até ao 465 antes da era vulgar. A 1^m,60 dos primeiros propyleos ha outros ornados egualmente por figuras, com corpo de touro, cabeças humanas e azas.

Entre os propyleos e outra segunda e grande escadaria existe um espaço de 46^m onde estavam situados os jardins. O desenvolvimento longitudinal d'esta escadaria é de 64^m,60, as rampas estão enriquecidas de magnificas esculpturas: esta escadaria, assim como o palacio a que pertence, tambem foi edificação mandada fazer por Xerxes. Em seguida a esta gigantesca obra chega se á sala formada por 36 columnas collocadas sobre 6 renques, occupando um espaço quadrado de 60^m em todos os lados. Estas columnas tinham 20^m de altura. O corpo central formava, sobre os 3 lados, porticos, compostos de dois renques de columnas.

Sobre o terraço superior pertencente ao corpo central da principal sala mais alta que os porticos, havia o *Altar do fogo sagrado* junto do qual o rei vinha fazer as suas orações todos os dias.

Ao Sul e na frente d'esta grande sala vêem se as ruinas da sala incendiada por Alexandre, como represalia das destruições que os Persas haviam praticado com o incendio de Athenas: foi quando este entrou em Persepolis, que vieram ao seu encontro 800 gregos que tinham sido arrebatados do seu paiz pelos persas de quem ficaram sendo escravos. Estes homens estavam terrivelmente mutilados, uns sem uma mão ou um pé, outros tinham o nariz ou orelhas cortadas. A vista d'estes homens n'este triste estado inspirou a Alexandre um profundo dó, e excitou-lhe um sentimento violento contra aquellos algozes, levando-o a exercer a represalia; resolveu destruir a *Acropole* (a cidadella dos reis da Persia), o melhor monumento que a ornavam da mesma maneira que elles haviam praticado com a magnifica *Acropole* de Athenas; e as chammas mais uma vez no Mundo, anniquillaram magnificos monumentos querendo-se por um acto pusilanime vingar na materia inerte o vandalismo praticado pelos inimigos ferozes.

Ao sudoeste da sala de Xerxes, fica situado o palacio de Darius com 39^m,23 de comprimento por 29^m,38 de largura, estando a fachada voltada para o Sul: compunha-se de uma grande escadaria de um portico, e de uma vasta sala cujo tecto era sustentado por 16 columnas. Á roda d'esta, havia

outras salas maiores; nas inscrições esculpidas nas hobreiras das janellas, que eram construidas inteiriças, lê-se o nome do architecto chamado *Ardosta*. Nota-se uma singularidade n'este palacio, é que as esculpturas que ornam as hobreiras das portas indicam a applicação de cada uma d'estas casas, que compunha o edificio; assim as casas dos guardas tinham figuras com a lança na mão; a porta que conduz do portico á grande sala central, mostra o rei com o sceptro na mão direita, de estatura colossal, envolto nas pregas magnificas dos seus compridos vestidos. Nas outras casas vêem-se representados servos com jarros, toalhas ou lenços, rozas e objectos destinados á thurificação.

O maior monumento do vastissimo terraço de Persepolis era a sala do throno com 76^m, quadrados, situada entre a sala de Xerxes e o palacio de Darius, sendo construido este edificio com enormes pedras de marmore. As suas paredes têm 3^m de grossura; sobre as faces lateraes havia porticos 16 columnas postas em dois renques: sobre cada lado collocaram nove nichos; as portas principaes tinham 4^m de largura. Era o edificio coberto em forma pyramidal, formando um aspecto de harmonia com o effeito pittoresco e magestoso na reunião d'este grandioso e extraordinario terraço chamado pelos Arabes *Hezarsontoun*, ou das 1:000 columnas.

A transferencia do centro do imperio da Persia para Babylonia, causou grande damno a Persepolis; pois a prosperidade das artes liberaes e o seu maior desenvolvimento, unicamente se pôde conseguir, aonde houver mais vida, mais riqueza e civilisação; em todos os tempos e em todos os paizes, é na cabeça dos imperios, é sómente nas capitães das nações poderosas e cultas, que ellas podem brilhar, deixando para a posteridade obras de nome a fim de merecerem das gerações futuras uma justa fama e admiração.

BALBECK

Posto que os monumentos que nos resta examinar pertencentes á região da Asia não sejam da mais remota antiguidade; todavia elles são bastante interessantes para a historia da architectura além de serem essas grandiosas construcções dignas da admiração dos artistas. A historia não nos conservado a descripção d'ellas e apenas a lembrança do nomeado paiz. Deve-se mais a esses monumentos do que aos historiadores, conhecermos a sua existencia; pois sómente em 1751 a Europa soube que em Balbeck haviam ruinas de magestosos edificios.

Ignora-se o estado que podia ter tido Balbeck nos tempos primitivos. Esta antiga cidade situada na Celesiria, ou *Syria ouca*, está entre a cidade

de Damasco e Tripoli e 3 kilometros a separam de uma a outra.

Esta cidade parece ter tirado o seu culto, assim como o seu nome, de *Héliopolis* do Egypto. O *Sabeismo*, ou culto dos Astros, tão espalhado na Asia, tambem se ajuntaram as praticas egypcias. Balbeck significa em lingua syriaca, *Cidade de Bal*, isto é, do Sol. Resulta pois do seu nome, que o Sol tinha sido o objecto do seu culto, e que os templos sumptuosos, dos quaes ainda se vêem os vestigios, foram erectos a este astro divinizado.

Póde-se calcular em uma legua o ambito dos muros que Balbeck tem ainda hoje. Estas muralhas, assim como as da maior parte das antigas cidades da Asia, parecem ser o trabalho mal irmanado de diferentes seculos.

O grande Templo do Sol de Balbeck póde rivalisar com os Templos Egypcios pelo lado da extensão, pois tinha de comprimento 192 metros e de largura 96.

Uma columnada composta de 12 columnas, flanqueadas por dois corpos ornados de pilastras, dava entrada em um magnifico *Pronaos* ou Vestibulo.

O interior d'este portico está ornado com 3 portas e nichos compostos de duas ordens, e ornados com columnas do feitio de tabernaculos. Esta especie de decoração é geral nos monumentos de Balbeck. Por detraz das portas encontra-se um pateo hexagono de 40^m,92 de diametro: em roda ha uma correnteza de edificios arruinados, com destino ás escolas e aos aposentos dos sacerdotes do Sol.

No extremo d'este pateo ha uma abertura, por onde se descobre a mais vasta perspectiva de ruinas, cuja magnificencia sollicita a curiosidade. Subindo por uma rampa, que na primitiva era uma escadaria, encontra-se um pateo quadrado de 115^m,50 por 110^m,88. Ao primeiro golpe de vista descobrem-se no fundo d'este pateo 6 colossaes columnas que se destacam do horisonte. Uma outra fila de columnas se encontra á esquerda e indica o perystilo do Templo. Sete edificios formam uma especie de galeria sobre cada um dos lados do pateo.

Atravessando este grande pateo chega-se ao logar do proprio Templo, onde estão as 6 grandiosas columnas. É então que se avalia toda a temeridade da sua elevação e a grandeza excessiva do seu diametro. O pateo tem de circumferencia 8^m,14 e 15,84 de comprimento. A altura total comprehende o entablamento de 23^m,76.

Estranha-se á primeira vista, vêr esta magestosa ruina assim solitaria e sem haver outra edificação que a acompanhasse; porém, examinando e terreno descobre-se logo uma fiada de bases do columnas, que formam um plano quadrado de 90^m,64.

Nota-se o tamanho de 3 grandissimas pedras

que, reunidas, têm de comprimento 60^m,50. Suppõe-se que o nome de *Trilithon* dado a este Templo, tivesse sido por causa da grandeza d'estas tres pedras.

O grande Templo de Balbeck, assim como os outros edificios, não apresentam outra ordem de architectura senão a *Corinthia*; o que prova que a construcção d'estes monumentos pertence á 3.^a época da Architectura Romana.

O segundo Templo, situado para a parte Meridional da cidade, tem 2 renques de columnas no *Pronaos* e um só dos lados assim como no portico têm as columnas 14^m,52 e 5^m,16 de circumferencia na parte inferior: de cada lado da porta do Templo ha uma escada que conduz ao cimo do edificio. O interior d'este Templo tem 18^m,70 de largo por 36^m,30 de comprimento; dos lados das paredes ha columnas corinthias estriadas por entre as arcarias.

A architectura nunca produziu nada de mais rico do que a construcção d'este monumento. Todos os membros na parte interna estão cobertos de ornamentos, sendo a profusão excessiva. As archivoltas, os profis dos nichos, os frisos, os caixotões, estão enriquecidos de tudo aquillo que o luxo da arte póde imaginar de mais sumptuoso. Porém a porta é ainda superior em belleza, opulencia e perfeição das esculpturas representando flôres, fructas e um friso com espigas de trigo de uma execução admiravel. No soffito uma aguia representando o Sol a que o Templo era dedicado, tem de cada lado dois genios alados significando os zefiros que cooperam com o astro do dia para produzir a fertilidade e abundancia. O caducêu que a aguia tem entre as garras, indica o commercio e riqueza, que são o resultado propicio concedido pela creadora Natureza.

Seria bem interessante para a historia da architectura da arte monumental, poder determinar de uma maneira positiva a época dos monumentos de Balbeck. Se consultarmos unicamente a analogia do estylo e o gosto alli seguido, póde-se suppôr esta construcção do seculo de Aureliano, que viu tambem elevarem-se os Templos de Palmyra. Descortina-se em uns como nos outros, a sua architectura ter chegado a essa idade proxima da velhice, onde o fausto e a riqueza procuravam supprir a perda da belleza; mas como a architectura toma necessariamente a tendencia do gosto dos differentes povos onde ella se acha transferida, o luxo da Asia introduziq-se nos monumentos de Balbeck em logar da agradavel simplicidade do estylo grego, devendo-se attribuir a isso a causa da alteração da pureza da sua origem.

(Continúa).

J. P. N. DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CRISTÃ

(Continuado do n.º 5, pag. 79)

Tambem muitas vezes se collocavam as reliquias da Sagrada madeira n'uma cruz com uma simples travessa.

As reliquias da verdadeira Cruz, encerradas n'uma cruzeta, muitas vezes com duas travessas, eram tambem muitas vezes emmolduradas n'uma placa metallica ricamente ornada e fixa sobre um centro de madeira. Estes relicarios, com a fórma d'um pequeno quadro rectangular ou d'um triptyco, eram mettidos em ricos estojos guarnecidos de esmaltes, filigranas e pedras preciosas.

Não eram só os relicarios de madeira da verdadeira Cruz, que tinham a fórma d'uma cruz com duas travessas horisontaes; os proprios edificios em que se conservavam estes relicarios eram muitas vezes encimados com uma cruz do mesmo genero. Nas parochias em que os campanarios tinham a dita cruz, eram collocadas sobre os tumulos n'ellas existentes, cruces de madeira ou de pedra com a mesma fórma.

Urnas. A urna é uma especie d'um cofre dentro do qual são guardadas as reliquias d'um Santo. O emprego das urnas vulgarizou-se desde o xi seculo. Ha-as *grandes* e *pequenas*. As grandes urnas têm o feitio d'um pequeno edificio rectangular, com a fórma de telhado de duas vertentes; ha algumas, como a dos Reis Magos em Colonia, que imitam uma igreja com as suas paredes exteriores.

Em geral são cobertas de placas de metal ornadas com filigranas, esmaltes e pedrarias. Christo lançando a benção, sentado ou em pé, só ou no meio de dois Santos, occupa ordinariamente uma das faces extremas, e na outra face a Santissima Virgem entre dois Santos cujas reliquias a urna encerra. As faces lateraes são divididas por arcadas de volta inteira ou abatida, debaixo das quaes se vêem as figuras dos Apostolos ou de outros Santos; enfim, as vertentes da imitação de telhado são decoradas com baixos relevos. Os esmaltes servem de caixilhos aos diferentes assumptos e cobrem tanto as archivoltas como as columnas das arcadas. Ha tambem urnas exclusivamente feitas de placas esmaltadas.

As urnas pequenas, muito triviaes nos seculos xii e xiii, têm a fórma d'um cofre oblongo, coberto com uma tampa semelhante a um telhado de duas aguas. Compõem-se em geral de placas de cobre vermelho, esmaltadas segundo o processo do buril. Tanto as quatro faces da urna, como a tampa são

adornadas de figuras e algumas vezes com assumptos completos. Merecem attenção as figuras pela gravura em relevo ou pelo seu modo de execução especial.

Sobre muitas d'estas urnas se vêem em relevo as cabeças e as mãos ou sómente as cabeças; nas mais antigas, em vez de serem simplesmente gravadas, são incrustadas de esmalte.

De ordinario o trabalho é rude e barbaro e o desenho deixa muito a desejar com relação a correção.

A tampa é geralmente terminada por uma lamina de cobre recortada em fórma de crista.

Pertencem em geral estas urnas ao trabalho dos esmaltadores de Limoges.

Tambem se têm encontrado urnas romanas de pedra, marfim e mesmo de madeira.

Estatuetas, bustos, braços, pés, etc. No seculo x começou-se a collocar as reliquias em estatuetas, bustos, ou relicarios de metal ricamente ornados e imitando a fórma do corpo humano a que ellas haviam pertencido. Assim, quando queriam guardar os ossos d'um pé, ou d'um braço, dava-se ao relicario a fórma de qualquer d'estes dois modelos. Continuaram a usar-se estes relicarios durante os seculos seguintes, tornando-se bastante vulgares.

Urnas de marfim. Encontram-se, com frequencia, nos thesouros das egrejas e nas colleções de objectos antigos, cofres de marfim cobertos de esculpturas decorativas e legendarias. As que offerecem assumptos religiosos ou alguns signaes do symbolismo christão, e que por consequencia foram executadas para o serviço do culto, são extremamente raras. Isto prova que primitivamente eram destinadas aos usos profanos, por exemplo, para guarda joias. No entanto não é para admirar que se encontrem nas egrejas, pois que umas foram cedidas ás egrejas como obras artisticas offerecidas por bemfeitores generosos; outras, executadas no Oriente, serviram aos cavalleiros cruzados para trazerem as reliquias de Constantinopla e da Terra Santa. As reliquias vindas do Oriente, ficaram encerradas em pequenos cofres, adquiridos por alto preço no Egypto, na Syria e na Asia Menor. Estes pequenos cofres, que sahiam de officinas musulmanas ou indianas, são regularmente cobertos de figuras geometricas, de arabescos de animaes phantasticos e algumas vezes de inscripções Orientaes.

Frascos de crystal de rocha. D'entre os varios objectos de que os cruzados se serviam como relicarios, para trazerem reliquias para o Occidente,

devemos especialmente mencionar os pequenos frascos de crystal de rocha. Estes frascos, cuja altura raras vezes excedia dez centímetros, eram ou muito simples ou com fórmãs de animaes phantasticos. Muitos estiveram guardados, durante o periodo ogival, em ricos estojos de ouro ou de prata.

Diversos relicarios. Ha-os com diversas fórmãs architecturaes imitando, em metal ou em marfim, as principaes partes das egrejas romans, e até mesmo as dos edificios civis.

Corôas suspensas nos altares. Estas corôas, conhecidas com o nome de *volivas*, eram por devoção offerecidas a Deus e aos Santos, ou em cumprimento de algum voto. Já existiam durante o periodo latino; como então, compunham-se de um circulo de metal precioso, muitas vezes adornado com o brilho de pedrarias e de esmaltes. Fabricou-se grande numero d'estas corôas directamente para o serviço dos altares; todavia os antigos chronistas designam-nas tambem muitos como offertas feitas por reis e principes, de corôas de ouro e de prata e que elles precedentemente cingiam como insignia da realza.

Corôas para luzes. As corôas para luzes continuaram a usar-se durante o periodo roman e as mais bellas que a idade media nos legou são d'esta época.

Todas estas corôas, guarnecidas de torres e ameias, parecem alludir á visão de que falla S. João no capitulo XXI do Apocalypse. *Deus me mostrará a santa cidade de Jerusalem, que desceu do Céu, mandada por Deus...* representada por uma alta muralha, franqueada por doze portas; vendo-se a estas portas doze anjos, e tendo gravados os nomes das doze tribus de Israel. As portas ficavam tres ao Oriente, tres ao Norte, tres ao Sul e tres ao Occidente. A muralha tinha doze socalcos, em que se achavam gravados os nomes dos doze Apostolos.

Suspendiam-se estas corôas no côro proximo do altar e tambem no ponto de intersecção da nave com o transepte, quando eram muito grandes.

A corôa para luzes de Aix-la-Chapelle tem oito metros de circumferencia; é composta de oito arcos de circulo unindo-se de maneira que formam angulos reintrantes. Estes angulos são guarnecidos de lanternas em fórmula de torrinhas redondas, havendo, no ponto medio de cada arco de circulo, uma torre quadrada maior. Entre cada torrinha podem ser collocadas tres vellas; como são dezeseis torres, oito quadradas e oito redondas, a corôa pôde receber quarenta e oito luzes em todo o seu circuito. Duas inscripções latinas se lêem em torno do circulo metallico, indicando a data do XII seculo em que foi dada á egreja de Aix-la-Chapelle pelo imperador Frederico Barba-rôxa.

Cruzes de altar e para as procissões. Até ao fi-

nal do XV seculo, não havia distincção alguma entre as cruzes do altar e as procissionarias ou estacionarias. A mesma cruz servia para ambos os fins; collocava-se sobre o altar fixando-a em uma peanha, trazia-se em procissão na extremidade de uma vara comprida.

As cruzes de altar romans, ordinariamente de cobre, de prata ou mesmo de ouro, teem em geral apenas uma só cruzeta; as mais antigas são de fórmula Trina, e cravejadas de perolas ou de variadas pedrarias. Mais tarde, no XI e no XII seculos, são então compostas com a imagem de Christo, sendo os ramos da cruz de desiguaes dimensões, isto é, deixam de ter a fórmula Trina.

Grande parte das cruzes de altar romans são de cobre vermelho adornado com esmaltes entalhados ao buril, outras compõem-se de simples laminas de cobre sobre as quaes se reproduzem em esmalte a imagem do Divino crucificado ou outros symbolos religiosos. Muitas cruzes são formadas de madeira, tendo as duas faces ou só a principal revestidas com placas esmaltadas. A imagem de Christo era representada n'estas cruzes e em alto relevo. O *perizonium*, que cobre os rios e a corôa que cinge a cabeça do Salvador, são ordinariamente esmaltados e os olhos representados por fragmentos de vidro azul.

No fim do periodo roman, as peanhas em que se fixavam as cruzes para as collocar sobre o altar eram muitas vezes de uma riqueza notavel; algumas eram de fórmula triangular, a mais geral; e outras tinham quatro faces. Em cada um dos quatro angulos, d'estas ultimas, apresentam um Evangelista escrevendo textos relativos á vida ou á morte do Salvador. Queria-se d'este modo symbolisar a diffusão, pela prédica do Evangelho, da Fé em Jesus-Christo, Redemptor do genero humano.

Candelabros. Os candelabros eram em geral pequenos e terminavam na sua parte superior por uma dirandella ponteaguda. A fórmula d'estes candelabros do XII seculo, varia pouco; consta em geral de um pé assente sobre tres patas de leão ou em tres corpos de dragão; um nó de folhagens ou de dragões enroscados; e uma dirandella bastante concava, sustentada por tres ou quatro pequenos animaes phantasticos que se assimilham aos dragões ou aos lagartos com azas.

O contraste que existe entre os pequenos candelabros de outro tempo e os que actualmente se empregam de excessiva altura, explica-se da seguinte maneira: deram aos candelabros e ciriaes uma tão descommunal altura que obrigaram a substituir as antigas velas de cêra por um cirial simulado e accrescentado com uma vela. Não devemos esquecer que os ciriaes se accendem em homenagem ao Crucifixo ou ao Santissimo Sacramento, e que por

tanto não devem exceder em altura o tabernaculo. Compreende-se, pois, a razão por que um candelabro de altar é maior e mais monumental que outro qualquer de sala.

Candelabros para o Cirio Pascal. Tinham uma altura bastante consideravel.

A ornamentação d'estes candelabros, destinados a sustentar o Cirio Pascal, era analoga á dos candelabros de altar. N'elles se encontram, tanto no pé como na dirandella, os dragões e os lagartos com azas (geralmente no numero de tres), as folhagens e os florões. Em alguns, tambem se representavam varios personagens e diversos outros assumptos nas facetas do pé.

Candelabros de sete braços. Estes candelabros sempre de bronze, usavam-se desde o periodo roman, e talvez antes. Destinados, sem duvida, a fazer recordar o antigo candelabro dos israelitas, são tambem muito elevados. O pé, o nó e os ramos eram ordinariamente ornados.

Os braços estão collocados, em geral, no mesmo plano, tres de cada lado da haste central e as dirandellas tambem se encontram ao mesmo nivel.

Evangelharios. Durante o periodo roman, trataram, como até ali, de reproduzir o mais correctamente possivel, o texto Sagrado; e continuaram do mesmo modo a transcrever os exemplares de luxo com letras de ouro sobre velino branco ou côr de purpura.

As Biblias completas e os evangelharios, isto é, os manuscritos em que se encerra o texto dos quatro Evangelhos, são em geral ornados com um grande numero de miniaturas representando personagens e assumptos do Novo e Velho Testamentos, e até mesmo alguns factos legendarios. Todavia, nos mais antigos manuscritos o numero das illustrações é geralmente muito menor que nos do xi e xii seculos. Encontra-se com frequencia, na parte superior de cada Evangelho, a figura do Evangelista, sentado e escrevendo o seu livro.

Egualmente se encontram na parte superior de quasi todos os Evangelharios, miniaturas que occupam muitas paginas, consistindo em arcadas sobre columnas, agrupadas ás tres e ás quatro, sob um arco commum que abrange toda a largura da pagina; em cada arcada lêem-se series de numeros collocados uns debaixo dos outros.

Estas columnatas formam o que se chamam os *canhões d'Euzebio* ou de *concordancia Evangelica*. Foram compostas por Euzebio de Cezaréa para facilitar o estudo comparativo dos Evangelhos, e consistem em quadros que indicam, por meio de algarismos escriptos na mesma linha horisontal em duas ou mais arcadas, as citações dos Evangelhos com relação ao mesmo objecto.

São dez: o primeiro indica todos os logares com-

muns aos quatro Evangelhos; o segundo, os que se não lêem senão em S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas; o terceiro, o que é referido por S. Matheus, S. Lucas e S. João; o quarto, as passagens comparativas de S. Matheus, S. Marcos e S. João; o quinto, o accordo de S. Matheus com S. Lucas; o sexto, de S. Matheus com S. Marcos; o setimo, de S. Matheus com S. João; o oitavo, de S. Lucas com S. Marcos; o nono, de S. Lucas com S. João; enfim o decimo, sob differentes series, o que cada evangelista escreveu de particular.

Cada Evangelho tem á margem, com tinta preta por ordem numerica, a indicação de todos os versos que o compõem; e inferiormente a cada verso está notado a encarnado o numero do canhão a que se tem de recorrer para encontrar a concordancia.

Capas evangelharias. Durante o periodo roman as capas dos livros liturgicos tinham ordinariamente um comprimento dobrado ou triplicado da largura. Comtudo já havia n'essa epoca encadernações que se approximavam sensivelmente da fôrma quadrada, que foi a que mais tarde prevaleceu.

As capas dos livros romanos são de metal e tambem de marfim; acontecendo muitas vezes reunirem estas duas materias na mesma capa, ou servindo de caixilho a uma placa de marfim quadrada ou rectangular e com relevos metallicos.

Os assumptos que mais trivialmente se encontram sobre as capas dos evangelhos são: 1.º O Salvador, sentado ou de pé, lançando a benção e collocado n'uma aureola oval; 2.º A crucificação de Christo; 3.º A Santissima Virgem com o menino Jesus; 4.º Scenas tiradas da historia do novo Testamento.

Os symbolos dos Evangelistas occupam quasi sempre os quatro angulos das capas.

Para o fim do periodo romano, tambem frequentemente se empregaram, como capas de livros liturgicos, placas esmaltadas, oblongas, rectangulares, fabricadas em Limoges, representando a crucificação do Senhor, com as figuras accessorias.

Thuribulos. É provavel que nos primeiros seculos fossem simples vasos com grande diametro e um peso consideravel.

Dos thuribulos anteriores ao xi seculo apenas temos conhecimento pelas pinturas das paredes e pelas miniaturas dos manuscritos.

São d'uma simplicidade notavel; têm, como todos os que se lhes seguiram, a fôrma espheroidal.

No xi e xii seculo apparecem thuribulos mais ricos.

Caldeirinhas d'agua benta portateis. Estas caldeirinhas serviam para levar agua benta aos imperadores, aos reis e outros grandes personagens no momento em que entravam na igreja. Têm a fôrma d'um cône troncado e invertido.

Geralmente são de pequenas dimensões, não excedendo 20 centímetros em altura.

Também as ha de marfim e outras de metal. A maior parte tem exteriormente duas ordens sobrepostas de figuras em relevo, representando assumptos religiosos, figuras de Santos ou symbolos.

Pentes lithurgicos. Os padres eram obrigados a pentear os cabellos e a barba antes de celebrar o Officio Divino. O uso dos pentes lithurgicos existiu até ao xvi seculo, e ainda nos nossos dias se emprega o pente na Sagração dos Bispos.

Os pentes lithurgicos são geralmente d'osso ou de marfim e também algumas vezes de madeira.

Uns são maiores do que outros; os maiores são guarnecidos com duas ordens oppostas de dentes, tendo uma com mais finissimos dentes. O espaço comprehendido entre as duas ordens de dentes é em geral esculpido: os pentes de menores dimensões tem apenas uma ordem de dentes, sendo igualmente mais ou menos ricamente esculpidos.

Cadeiras. O uso da cadeira, *cathedra*, foi durante muito tempo considerado como uma prerogativa dos Papas, dos Bispos e dos Soberanos temporaes.

No fim do periodo Latino e no começo do Roman, as cadeiras eram por vezes feitas á imitação da cadeira *curul* dos Romanos, a qual era formada de duas dobradiças em fórma de X, entre as quaes assentava um coxim. Os ramos das dobradiças d'esta especie de cadeiras romans são ordinariamente terminados, superiormente, por cabeças d'animaes e inferiormente por palas ou garras; como também succede com as cadeiras curúes mais ricamente esculpidas.

As cadeiras romans têm d'ordinario a forma d'um cofre rectangular, não tendo costas nem tão pouco braços. Adornavam-nas com incrustações de marfim, ouro, prata ou outros metaes; eram estofadas de preciosos brilhantes e damascos. As cadeiras de costas altas são raras.

Baculos pastoraes. Desde os primeiros seculos que os Bispos impunham o bastão pastoral como insignia da sua dignidade. Mais tarde foi este privilegio extensivo aos abbades dos grandes mosteiros.

Os bastões pastoraes mais antigos eram de duas formas diversas: havia o bastão em fórma de mula e o bastão em *voluta*. O primeiro, pela sua semelhança com a letra T (a que os gregos chamavam *tau*) é conhecido pelo nome de *bastão* ou baculo em fórma de *tau*. O cabo ou travessa ordinariamente de marfim é todo esculpido.

Os baculos de *voluta* que ainda hoje existem, datam do xii seculo. A fórma que tinham antes d'esta epocha sabe-se pelas esculpturas, pinturas e miniaturas.

Não nos parece que se encontrem Bispos empun-

hando o baculo em monumentos cuja data seja anterior ao ultimo quartel do x seculo.

No seculo xii e até mesmo já durante a ultima metade do seculo xi, é que se começaram a usar os *baculos de voluta*. São também d'esta epocha os *bastões de metal* ornados de pedrarias d'esmaltes e filigranas.

A *voluta* de quasi todos os baculos do xii seculo termina por uma cabeça de serpente ou de dragão encimada por uma cruz, ou lutando com o Divino Cordeiro armado com o signal da redempção. As *volutas* terminando em florão são por emquanto raras n'esta epocha, assim como também aquellas que têm representadas scenas historicas.

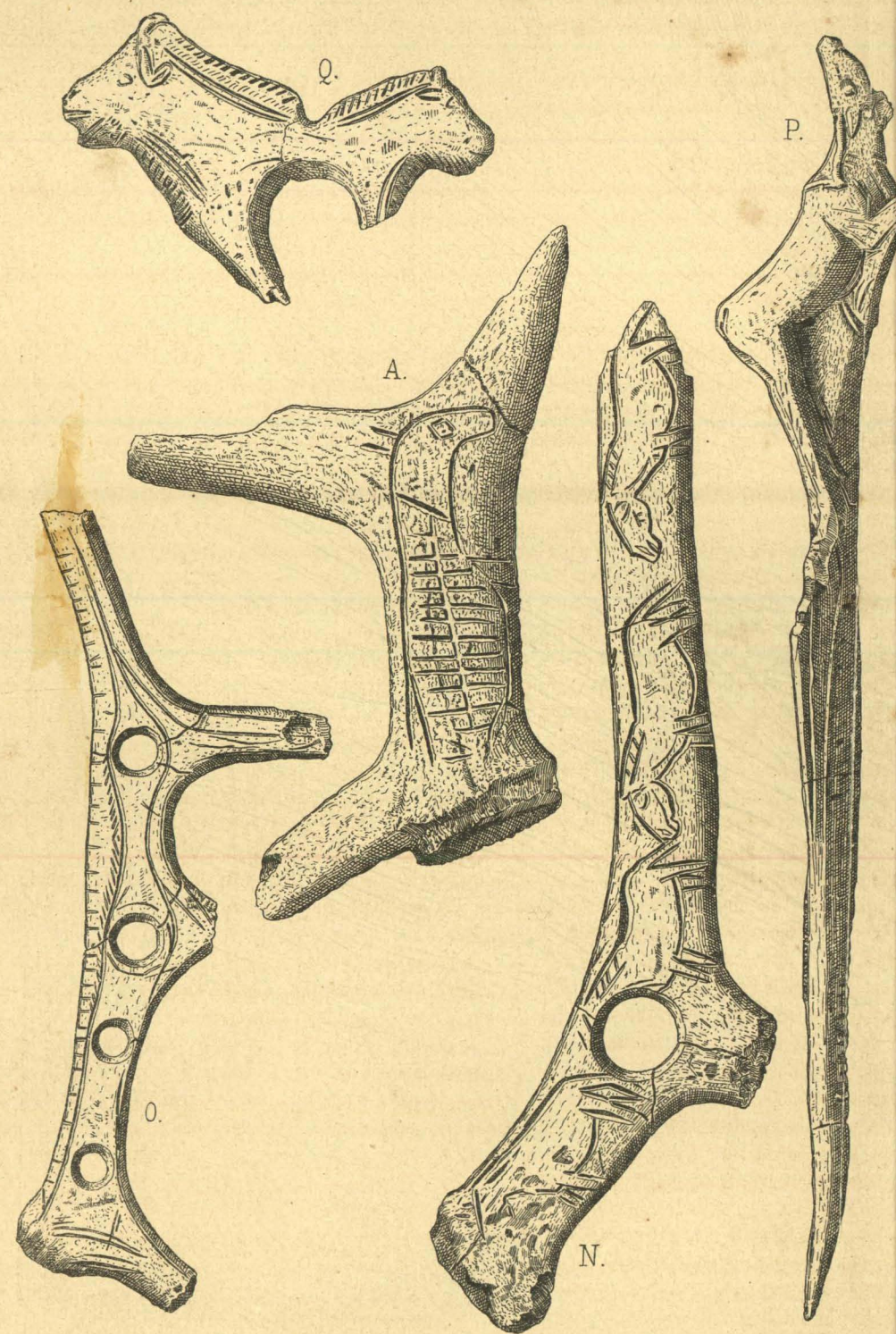
Attribue-se geralmente aos baculos pastoraes e a todas as suas diferentes partes, uma significação symbolica. O baculo representa o bordão do Pastor espirital, do Bispo na sua diocese e do abbade no seu mosteiro. A haste é recta para recordar ao Prelado a rectidão da governação; a ponteira de metal é o emblema da justa severidade com que deve reprimir os rebeldes, e a *voluta* recurvada symbolisa a bondade como as almas são attrahidas para o bem pelas consolações. A *voluta* do baculo voltada para o peito, indica a jurisdicção interna dos Abbades; voltada para fóra, mostra a auctoridade dos Prelados.

Sapatos lithurgicos. Estes sapatos, que desde os primeiros seculos são considerados como uma das principaes insignias dos Bispos e dos abbades, tinham o nome de sandalias, *sandalia*, e eram em geral de fórma identica. Constavam de uma solla de coiro ordinario, d'uma gaspea e de dois quartos.

A gaspea era de coiro e recortada muito profundamente a formar uma especie de lingueta, *lingua*, e quatro appendices, *ligulae*, em fórma de orelhas atravez das quaes passavam os cordões. As seis chanfraduras, formadas por estas orelhas, fizeram dar á gaspea o nome de *coiro fenestrado*, *corium fenestratum*, por affectarem a fórma de aberturas dos rotulos de janellas.

Tanto a gaspea como os quartos tinham um grande numero de furos, os quaes bem como as chanfraduras da gaspea tinham uma significação symbolica.

As sandalias são guarnecidas, inferiormente, por uma solla e superiormente por um pedaço de cabedal chanfrado ou fenestrado, porque os pés dos prégadores devem ser resguardados inferiormente para se não sujam nas coisas terrestres conforme as palavras do Senhor — *Sacudi o pó de vossos pés* —; são descobertos pela parte superior para que lhes seja revelado o conhecimento dos celestiaes mysterios, segundo estas palavras do propheta: «Desvendae-me os olhos e considerareis as maravilhas da tua Lei».



A gaspea e os quartos eram ordinariamente bordados a ouro e seda e até mesmo de pedras preciosas.

Mitras. As mitras de dois bicos eram desconhecidas até ao fim do XI século. D'antes os Bispos usavam algumas vezes uma corôa ou grinalda de laminas de metal, cravejada de pedras, debaixo da qual elles punham um barrete pouco elevado ou um pedaço rectangular de seda ou de tela, cujas extremidades, ordinariamente bastante compridas, fluctuavam livremente sobre as costas.

No fim do XI século, a cobertura collocada por debaixo da corôa tornou-se mais alta de maneira que formava ou uma especie de touca ponteaguda ou dois lobulos obtusos ou arredondados e pouco tempo depois duas agudas pontas. N'esta mesma epocha foi substituido o circulo de metal por fachas de pergaminho primorosamente pintadas e as extremidades fluctuantes do pedaço de tela por duas fachas compridas e estreitas, que se chamam *fanons*.

Alfaias preciosas. Tecidos. Durante os primeiros seculos da era christã, os tecidos de seda apenas se fabricavam no Oriente.

Mas no periodo roman continuou a Europa a mandar vir todos os tecidos preciosos de Constantinopla, da Grecia, da Asia Menor e da Persia.

Comtudo, no século IX, os Mouros introduziram a cultura do bicho de seda no Sul da Hespanha, e a começar do século seguinte, a pequena cidade de Almeria, situada a pequena distancia de Malaga sobre as costas do Mediterraneo, tornou-se um importante centro de industria de seda, cujos productos da Europa eram procurados.

Em seguida á expulsão dos musulmanos no anno de 1146 ou 1147, as fabricas de seda tambem se desenvolveram muito na ilha da Sicilia, e o commercio de tecidos de seda tornou-se extremamente florescente e prospero, graças aos intelligentes esforços do rei normando Roger, secundado na sua empreza por operarios trazidos da Grecia na escolta d'uma expedição militar. Os tecidos d'ouro e seda, fabricados na celebre manufactura official de Palermo, e conhecida pelo nome de *Hotel de Tiraz*, foram os mais estimados durante toda a idade media.

Os tecidos do periodo roman, geralmente encorpados e solidos, são uns lisos e outros ornados de desenhos representando animaes, plantas, flôres e fructos, empregados apenas como decoração, sem a menor intenção de symbolismo. Os estofos produzidos pelas fabricas musulmanas, tinham tambem ás vezes inscrições arabes; aquelles cujas decorações consistiam em assumptos biblicos ou symbolos christãos, fabricavam-se em Constantinopla, na Grecia e mais tarde igualmente na Sicilia.

Bordados. Os bordados continuaram a usar-se

para reproduzirem assumptos religiosos quer em medalhões quer sobre umas fitas que applicavam ás velas d'altar e aos paramentos sacerdotaes. A arte de bordar fez consideraveis progressos durante o periodo roman. Encontram-se um grande numero de passamanarias inteiramente executadas á agulha «*acula pictae*» no XI e XII seculos.

Os bordados executados durante o periodo roman eram geralmente feitos em seda ou lã fina sobre uma talagarça de tela fina.

Paramentos sacerdotaes. No principio do periodo roman eram ainda desconhecidas as côres lithurgicas, e só se começaram a empregar no IX século tomando um certo desinvolvimento nos seculos seguintes, ao mesmo tempo que se fixou o seu symbolismo. A côr branca e a vermelha foram as primeiras adoptadas: aquella, como emblema da innocencia e da candura, servia nas festas do Salvador, da Santa Virgem, dos anjos, dos Santos que não morreram martyres e durante a Paschoa; o vermelho, symbolo da caridade e do heroismo, foi destinado aos martyres bem como ao Pentecostes, festas por excellencia do amor.

No XII século duas novas côres vieram augmentar as que já se usavam; o verde, symbolo da esperanza, foi empregado aos domingos e nos dias de semana em que se não celebrava festa alguma de Santo e durante o tempo que decorre entre a Epiphania e a septuagesima, entre o Pentecostes e o Advento; o preto, signal de luto, foi reservado para a sexta feira Santa e para os officios funebres.

A principio, o uso d'estas differentes côres era facultativo; porém desde o final do XII século e ainda mais durante o século XIII, tornou-se obrigatorio.

Mais tarde, tambem se introduziu o uso da côr violeta, symbolizando *penitencia*, para o Advento, quaresma, temporas e vigalias.

A *casula* conservou, durante o periodo roman a mesma fôrma que até ali havia tido, isto é, a d'uma veste dupla, sem mangas, e caindo livremente á roda do corpo.

(Continúa).

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 87

GRAVADORES E ESCULPTORES PREHISTORICOS

As manifestações da arte de gravadores que havia começado no fim da época *solutréenne*, desenvolveram-se bastante durante a época *magdalénienne*, apparecendo com a fôrma de esculturas em alto relevo e de gravuras concavas, passando imperceptivelmente ao baixo relevo. Os materiaes

empregados pelos artistas, foram não sómente as pedras, mas também paus dos veados, ossos e marfim.

Na presente estampa reunimos diferentes exemplares que fazem conhecidos os principaes trabalhos dos artistas prehistoricos, os quaes foram descobertos pelos archeologos na Europa. Já se admira o grau de sua nascente civilização n'esses ensaios artisticos executados apenas com instrumentos de pedra!

(a) Exemplar de gravura, feita em arma de veado, representa um cavallo, executado de maneira mui tosca.

(b) Gravura sobre marfim, representando um *mammoth*, da época *magdalénienne*. A testa convexa, as defezas muito arqueadas, a cauda de feitiço de ponta de chicote, e principalmente os compridos pellos, formando crinas, caídos entre a tromba e as mãos, dão realmente a conhecer o animal *mammoth*. Nota-se que o artista para achar o verdadeiro contorno do lombo, hesitou em imitar a sua exacta apparencia.

(c) Mão humana, gravada sobre um fragmento de dardo em arma de rangifer.

(d) Outro exemplar da mesma natureza e qualidade, notando-se estarem os braços cobertos de cabellos. Os artistas *magdalenianos* representavam as mãos só com quatro dedos, faltando em todas o dedo pollegar.

(e) Animal ruminante mostrando ter um golpe no peitoral, junto da mão esquerda; gravado em osso. O corpo também coberto de espesso pello.

(f) Cabeça humana gravada sobre arma de rangifer. A expressão do rosto é sardônica, a qual apparece em quasi todas as figuras de homens d'esta época.

(g) N'esta representação o artista compoz um painel completo, em que um homem está caçando o urso, atirando um arpão a um animal macho que foge. O artista tendo representado sufficientemente a expressão do rosto, não soube collocar convenientemente o braço direito; o homem está completamente coberto de pello. A gravura é feita sobre arma de rangifer.

(h) Um homem tendo um cajado sobre o hombro. Esta gravura está feita sobre um bastão de auctoridade, em arma de rangifer; mas a gravura é representada como se fosse em uma superficie plana. O homem é acompanhado por duas cabeças de cavallos e de uma serpente que está estendida pela parte que falta ao exemplar achado.

(i) Mulher grávida e nua. Vê-se que o artista fez muitos esboços do ventre; que primeiramente lhe havia dado uma forma exagerada. O ventre todo e ilhargas estão cobertos de pellos, assim como os braços. Por baixo da mulher ha duas pernas de

rangifer, perfeitamente gravadas, mas de proporções sem relação com as do corpo da mulher: a mesma observação se faz com os outros desenhos em que este defeito se nota; o que não é para admirar em trabalhos de artistas, no alvorecer das bellas artes.

(j) Cabeças de vitellos gravadas sobre armas de rangifer. A face opposta d'este objecto, que é plana sobre os dois lados, está também ornada de gravuras de animaes. As esculturas ornamentaes ondulosas que vestem as arestas, são destinadas a impedir que a mão possa escorregar n'este cabo de punhal.

(l) Grande urso das cavernas gravado sobre um seixo rodado de rocha *crystallina*. Todos os caracteres dos ursos estão perfeitamente assignalados. A testa é bojuda, deixa mesmo determinar a especie — *ursus spelæus*, — grande urso das cavernas, animal que data dos primeiros tempos do quaternario e que teria habitado os Pyreneus na época *magdalénienne*. Tamanho natural.

(m) Cabeça de uro gravada sobre osso. O uro como o rangifer, retiraram-se para o norte. Habitam presentemente na Siberia.

(n) Bastão de auctoridade, circular; gravado em arma de rangifer, com um buraco; era um distinctivo de chefe e um objecto de luxo, porque depois dos cabos de punhaes, era mais ornado de esculturas e de gravuras. Este exemplar representa uma serie de quatro cavallos, uns atraz dos outros. Do lado opposto, havia tres. O buraco foi feito depois de se fazer a gravura e não foi previsto pelo artista, por isso cortou a cabeça de um cavallo de ambos os lados.

(o) Outro bastão gravado em arma de rangifer, com quatro buracos distantes uns dos outros. Supõe-se que o numero de buracos indicaria o grau da auctoridade. Linhas gravadas com aspas ornamento do contorno d'este objecto.

(p) Punhal em arma de rangifer. O cabo representa um rangifer esculpido. Para não molestar a mão, o animal está com a cabeça levantada e o nariz para o ar, de maneira que apparece deitado de costas, e pelo mesmo motivo tem as mãos dobradas sobre o ventre como se quizesse saltar. Esta escultura é muito bem executada; posto que feita com ingenuidade, todavia representa com verdade o animal. Os pés estão muito compridos, porém elles precisavam ligarem-se ao corpo do punhal. Nos cabos dos punhaes é que se executaram as mais notaveis esculturas.

(q) Base de bastão de auctoridade esculpida em arma de rangifer com cabeças de touro e de vacca.

Quanto é para surprehender e admirar que taes homens com a sua rude comprehensão fossem os primeiros que iniciaram o desenho, a gravura e a es-

culptura, exercendo a sua inculta intelligencia, guiados sómente pelo exame ocular das fórmas dos animaes que caçavam e lhes serviam de alimento! Quantos esforços fariam para produzir os seus incorrectos desenhos! Grande foi o desejo de obter pela sua perseverante applicação copia d'elles, servindo-se de um simples seixo ou pedaço de osso e tendo por cinzel um tosco fragmento de silex, para as suas artisticas producções, que deviam mais tarde servir para desenvolver o talento dos futuros artistas. Essas portentosas obras prehistoricas teem para nós ainda muito maior merecimento, porque não só nos fazem conhecer o desenvolvimento progressivo da intelligencia, mas nos abriam horisontes onde o talento e o estudo das Bellas-Artes dotariam depois o mundo com obras de superior merecimento, afim de mais ennobrecer a nossa existencia e origem.

Merecidos louvores sejam dados aos insignes archeologos que fizeram esses descobrimentos e com tanto esmero conservaram os seus especimens como preciosas reliquias do talento dos primitivos habitantes do mundo.

POSSIDONIO DA SILVA.

CONGRESSOS INTERNACIONAES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS, 1889¹

CONGRESSO DOS ARCHITECTOS

Por esta occasião a Sociedade Central dos Architectos de Paris havia organizado uma exposição dos bustos e retratos dos antigos architectos francezes e os projectos principaes que haviam delineado, a qual teve logar em 3 grandes salas da Escola de Bellas-Artes. No numero d'esses retratos estava tambem patente aos membros do congresso a effigie do architecto portuguez Butaca, o celebre artista que havia delineado e construido o afamado monumento de Belem, retrato que o architecto Possidonio da Silva havia offerecido e por sua mão entregára ao Instituto de França quando fora ao primeiro congresso internacional dos architectos de Paris em 1867. Esse retrato tinha-o elle descoberto e estava *escondido por baixo dos degraus do pulpito moderno*, que estupidamente haviam assentado contra o elegante pilar cylindrico que sustenta a temeraria abobada do grandioso cruzeiro da igreja do famoso monumento citado: figurando pois este antigo retrato do architecto portuguez entre os seus pares n'essa gloriosa exposição dos mais insignes architectos modernos.

Pela rapidez de se dispôr esta exposição, á ultima hora resolvi, tinham trocado o nome do architecto portuguez do monumento de Belem, dando-lhe o de outro abalisado artista nacional, Affonso Domingues, que havia construido a estupenda abobada da casa do capitulo no monumento da Batalha; mas o socio Possidonio da Silva notou esse engano ao presidente do Congresso para se corrigir a designação.

O Congresso Internacional para a protecção das Obras de Arte e dos monumentos, teve a sua primeira sessão em 24 de junho, á qual concorreram extraordinario numero de pessoas; sendo o discurso de abertura pronunciado pelo insigne architecto Mr. Carlos Garnier, membro do Instituto. O relatorio ácerca da origem e fins do Congresso, foi apresentado pelo secretario geral o architecto Mr. Carlos Normand, iniciador d'esta importante providencia civilisadora.

Na ordem do dia d'esta primeira sessão, estava indicado o architecto portuguez Possidonio da Silva para encetar as communicações sobre a organização e classificação dos monumentos historicos de Portugal; occupando um logar, que lhetinha sido reservado na mesa do Congresso.

Este architecto principiou recordando que a França havia curado já d'este objecto em 1837, apresentando o ministro Mr. de Salvandy um projecto de lei para se dar a precisa protecção aos monumentos do seu paiz, o qual foi alterado em 1841.

Portanto não seria para estranhar, que Portugal não tendo alcançado o auge da civilização franceza sómente em 1880 tivesse o Governo Portuguez pensado em providenciar ácerca da conservação dos seus monumentos historicos.

Relatou depois que o Governo havia proposto á Associação Real dos Architectos e Archeologos Portuguezes de lhe apresentar a classificação dos edificios publicos que deviam ficar designados *Monumentos Nacionaes*, havendo a Associação dividido em seis classes esses monumentos, conforme a sua importancia historica e artistica.

O governo adoptou e agradeceu o trabalho recebido e outro Ministro das Obras Publicas, resolveu pôr em execução essa util providencia de que havia tomado a iniciativa o seu antecessor.

Continuando pediu ao Congresso que se dignasse approvar que os nomes d'esses dois Ministros os srs. Saraiva de Carvalho e Hintze Ribeiro ficassem mencionados no *Compte-rendu* d'este Congresso como um devido apreço de reconhecimento por aquelle valioso serviço feito as Bellas-Artes; assim como por haverem olhado pela conservação d'estes perduraveis testemunhos historicos de sua nação e do merito artistico dos seus monumentos. Esta proposta foi aceite, ficando os nomes d'estes be-

¹ Veja-se o Boletim n.º 5, pag. 80.

nemeritos commemorados nos annaes scientificos da mais illustrada nação.

Occupou-se depois o mesmo artista em informar como tinha sido nomeado, por convite do Governo, para presidente da commissão conservadora dos monumentos nacionaes, havendo apresentado o relatório circumstanciado da inspecção feita no paiz, bem como alvitres necessarios afim de se evitar a ruina de alguns; sendo encarregado igualmente de formar a collecção das plantas, alçados e cortes d'esses monumentos com a sua respectiva monographia para se formar um archivo artistico, historico archeologico nacional das diversas épocas de suas construcções etc.

Nas outras sessões o Congresso tratou os seguintes assumptos: Qual deveria ser a relação do ensino da arte para com a conservação dos monumentos; Providencias que deve haver para a conservação das obras de arte. Adopção da Cruz Vermelha para proteger os monumentos e as obras d'arte no tempo de guerra. Evitar que os canteiros escudem os monumentos para os apear. Inconvenientes de estabelecer largas ruas na proximidade dos monumentos publicos. Qual pôde ser a influencia da educação artistica a respeito da conservação dos monumentos. De que maneira se deverá proceder nas restaurações dos monumentos de diferentes estylos.

(Continúa)

POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA

A deputação nomeada em assembléa geral para ir ao paço de Belem e da Ajuda dar os sentimentos a el-rei o senhor D. Carlos e a sua magestade a rainha a senhora D. Maria Pia, pelo fallecimento de sua magestade el-rei o sr. D. Luiz, de saudosa memoria, cumpriu a sua missão. Suas magestades agradeceram os sentimentos que a Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes lhes manifestou por aquelle infausto acontecimento.

Ao ministro da Republica Franceza em Lisboa, Mr. Billot, foi enviado o officio em que a nossa Associação agradecia ao governo d'aquella republica a offerta das photographias com que nos havia contemplado.

Foi entregue a sua magestade o imperador D. Pedro, pelo presidente da nossa Associação, o diploma de socio benemerito, como tinha sido votado por aclamação na sessão do mez de dezembro ultimo, e que sua magestade desejava levar consigo, ficando muito satisfeito pela entrega do mesmo diploma, que agradeceu com a sua peculiar affabilidade.

A nova sociedade dos architectos civis francezes, de Leste da França, officiou á nossa real Associação, desejando poder considerar-se sua correspondente, officio a que a Associação dos architectos portuguezes gostosamente annui.

NOTICIARIO

A sociedade dos *Amigos dos Monumentos*, em Paris, recebeu grande numero de cartas de diferentes paizes, pelos bons resultados obtidos no congresso internacional, para se conseguir de todas as nações que protejama conservação dos monumentos nacionaes.

Collocaram-se agora indicadores em diversas ruas de Paris, destinados a darem ao publico um certo numero de informações uteis.

Compõem-se de uma especie de *vitrine*, collocada sobre um varão de ferro, que está firmado sobre uma figura de creança em bronze. Esta *vitrine* tem quatro frentes; de noite é allumiada na parte interna, de maneira a facilitar a leitura das indicações que n'ella estão inscriptas.

A frente, do lado do passeio, está dividida em duas columnas; sobre a primeira acham-se inscriptos os nomes e as moradas dos deputados, vereadores, administradores de bairro, chefe da policia, juiz de paz, medico, parteiras, casa de auxilio de beneficencia, além das pharmacias, dentistas, veterinarios, casa de correio e telegraphos, bombeiros, bocas de incendio, estação de tramsways e de trens, refugio e asylo nocturno, hospital, chalet para necessidades, etc.; tudo que fica nas proximidades d'aquelle indicador.

Na segunda columna contém a lista das casas para alugar, com a declaração de quantas divisões tem e a data em que estarão desoccupadas, e por baixo das duas columnas, sobre toda a largura da *vitrine*, a lista dos habitantes d'aquella rua.

Uma importante descoberta se fez na base dos Alpes, no sitio de *Montauban* (Drôme). E' um thesouro de prata lavrada, da epoca romana, composto de seis peças: uma grande bandeja, um grande prato redondo, duas taças e dois pateres. A bandeja tem ao centro um medalhão, sobre o qual estão representadas, em baixo relevo, as tres Graças. Um dos pateres tem no fim do cabo uma figura de Mercurio; o outro tem ornatos de ouro, compostos de serpentes e delphins, e no cabo duas cabeças de cysne.

Em França deu-se a uma rua o nome do insigne architecto Mr. *Charles Garnier*, membro do instituto. E' por este modo que as nações as mais cultas avalliam e commemoram o merecimento dos artistas do seu paiz, é por esta justa homenagem publica, produzindo a emulação entre elles, que os artistas se esmeram por distinguir-se, e as bellas-artes alcançam novos triumphos.